

Nuevo Mundo Mundos Nuevos

Coloquios, 2004

Sandra Pesavento

Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades

Avertissement

Le contenu de ce site relève de la législation française sur la propriété intellectuelle et est la propriété exclusive de l'éditeur.

Les œuvres figurant sur ce site peuvent être consultées et reproduites sur un support papier ou numérique sous réserve qu'elles soient strictement réservées à un usage soit personnel, soit scientifique ou pédagogique excluant toute exploitation commerciale. La reproduction devra obligatoirement mentionner l'éditeur, le nom de la revue, l'auteur et la référence du document.

Toute autre reproduction est interdite sauf accord préalable de l'éditeur, en dehors des cas prévus par la législation en vigueur en France.



Revues.org est un portail de revues en sciences humaines et sociales développé par le CLEO, Centre pour l'édition électronique ouverte (CNRS, EHESS, UP, UAPV).

Referencia electrónica

Sandra Pesavento, « Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Coloquios, 2004, Puesto en línea el 04 février 2005. URL : <http://nuevomundo.revues.org/index229.html>
DOI : en cours d'attribution

Éditeur : EHESS

<http://nuevomundo.revues.org>

<http://www.revues.org>

Document accessible en ligne à l'adresse suivante : <http://nuevomundo.revues.org/index229.html>

Document généré automatiquement le 30 septembre 2009.

© Tous droits réservés

Sandra Pesavento

Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades

...como mensurar o imensurável; como recuperar as sensibilidades dos homens do passado?

- 1 Eis o grande desafio, poderíamos dizer, sobretudo para aqueles historiadores empenhados em resgatar o sistema de representações que compõem o imaginário social, ou seja, esta capacidade humana e histórica de criar um mundo paralelo de sinais que se coloca no lugar da realidade. Ora, no âmbito da História Cultural, um conceito se impõe, dizendo respeito a algo que se encontra no cerne daquilo que o historiador pretende atingir: as *sensibilidades* de um *outro tempo* e de um *outro no tempo*, fazendo o passado existir no presente. Logo, medir o imensurável não é apenas um problema de fonte, mas sobretudo de uma concepção epistemológica para a compreensão da história. E esta, no caso, insere o conceito das sensibilidades sob o signo da alteridade e da diferença no tempo, sem o que não é possível a *reconfiguração* do passado, como assinala Ricoeur.¹
- 2 Principiemos pelo entendimento da sensibilidade como uma outra forma de apreensão do mundo para além do conhecimento científico. As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana que se encontra no âmago da construção de um imaginário social. O conhecimento sensível opera como uma forma de reconhecimento e tradução da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo.
- 3 Às sensibilidades compete esta espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade, com os valores e os sentimentos, que obedecem a outras lógicas e princípios que não os racionais.
- 4 As sensibilidades são uma forma do *ser* no mundo e de *estar* no mundo, indo da percepção individual à sensibilidade partilhada.
- 5 Roland Barthes precisa bem a distinção e também o entrelaçamento entre o que chama o *studium* e o *punctum*². O *studium* pertence ao campo do saber e da cultura, reenvia ao conjunto de informações e de referências que constitui nossa bagagem de conhecimento adquirido sobre o mundo e que nos permite buscar as razões e as intenções das práticas sociais e das representações construídas sobre a realidade. O *studium* é dedutivo e explicativo da realidade. Já o *punctum* incide sobre as emoções, sobre aquilo que nos toca na relação sensível do *eu* com o mundo, refere-se ao que emociona, ao que passa pela experiência, pelas sensações. O *punctum* opera como uma ferida, é algo que nos atinge profundamente e frente ao qual não ficamos indiferentes. Mas *studium* e *punctum* convivem, bem certo, são mesmo indissociáveis, uma vez que tudo o que toca o sensível é por sua vez, remetido e inserido à cultura e à esfera de conhecimento científico que cada um porta em si. Contudo, a dimensão deste mundo sensível, que se constrói com o espectador e leitor, não se rege por leis, regras ou razões, mas pelos sentimentos e emoções.
- 6 Em certa medida, Marcel Proust, no célebre episódio da *madeleine*, em sua obra *Em busca do tempo perdido*, fornece ao leitor uma outra forma de conhecimento do mundo e, particularmente, do passado. Ao tomar chá com o delicado e saboroso biscoito *madeleine* na casa da princesa de Guermantes, o autor, pela sensação/experiência de degustá-lo, é levado, pela evocação/memória a recuperar o passado vivido, tornando presente a temporalidade escoada.
- 7 A rigor, a preocupação com as sensibilidades da História Cultural trouxe para os domínios de Clio a emergência da subjetividade nas preocupações do historiador. É a partir da experiência

histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, idéias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos.

8 As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos. Nesta medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a ser capturado no passado, ou seja, a própria energia da vida, a *enargheia*, de que nos fala Carlo Ginzburg.

9 Historiadores se puseram este problema, que passava pelo resgate dos sentimentos, das formas de agir e pensar de *outros* homens em um *outro* tempo, sentimentos estes que deviam se colocar como uma alteridade ao historiador. Jules Michelet foi um deles, tentando, desde aquele já distante século XIX, berço do romantismo.

10 Na verdade, a descoberta dos sentimentos fora uma invenção dos românticos, tal como esta busca do passado nacional e da escrita de uma história que revelasse as origens de um povo. Daí adveio, inclusive, uma consciência de um modo de ser, de uma sensibilidade própria de uma comunidade ou do espírito de um povo que, descobertos pelos românticos e construídos como história nacional, davam a ver o passado, explicavam o presente e preparavam o futuro dos Estados Nacionais em solidificação.

11 Falamos, contudo, de *insights* e posturas, surgidas ao longo do tempo, sem linhagem direta, espécie de longo caminho, nem sempre seqüente, com muitas lacunas, sem diálogo obrigatório entre aqueles que intuía novas formas de pensar. Falamos, sobretudo, de uma espécie de genética de novas formas de pensar. São como que sintomas esparsos, de posturas distintas que se foram insinuando, tal como as reflexões filosóficas de Hegel, a propósito do pensamento também fazer parte do real e com ele se confundir.

12 O historiador Jules Michelet estivera empenhado em resgatar personagens sem rosto – o povo, a feiticeira -, com o que não só tocava em comunidades simbólicas de sentido – a nação, o feminino, estes coletivos abstratos –, como discutia as modalidades sensíveis de apreensão do real através das quais os homens haviam sido capazes de representar-se a si próprios e ao mundo.

13 Anos depois, os fundadores da Escola dos Anais, com Lucien Febvre, recuperariam a postura de Michelet e reivindicavam ser tributários de sua postura, defendendo a necessidade de ir ao encontro das sensibilidades dos homens do passado e postulando uma história das mentalidades. O historiador Febvre nos fala de utensílios mentais que, traduzindo o espírito de uma época e a sintonia fina de perceber e expressar o mundo, davam margem a que se atingisse o reduto do sensível. Carente de maior definição teórica, a história das mentalidades foi superada pela do imaginário, conceito e postura discutidas e partilhadas no plano da história (Roger Chartier, Jacques Le Goff, Lucian Boia), da antropologia (Gilbert Durand) e da filosofia (Cornelius Castoriadis), tal como nas artes (Jacques Leenhardt).

14 Mas, ir ao encontro das sensibilidades do passado deve fazer o historiador da cultura ter presente algumas questões a resolver, tais como esta concepção de tempo desafiante para Clio: captar as razões e sentimentos de uma temporalidade já escoada é ter em mente a alteridade do passado, com sua diferença de códigos e valores. Este *gap* entre tempo do historiador e tempo do acontecido impõe o passado como um *outro*, que desafia e oculta seus sentidos. Não há pois, como deixar de ter em conta aquilo que é próprio da história: o fato de que as respostas construídas sobre o tempo escoado são sempre provisórias, cumulativas, parciais, datadas, prováveis e que o historiador busca tornar sempre, o mais possível, verossímil e convincente. Ao estabelecer os marcos destes filtros do passado, é que a atividade do historiador se constrói como uma tarefa hermenêutica, debate este que remonta ao século XIX.

- 15 Gustav Droysen, historiador filósofo do culturalismo alemão oitocentista, entendia que tanto
 16 a *natureza* quanto a *história* eram concepções geradas pela mente dos homens a partir da
 percepção empírica do mundo.
- 17 Ora, para Droysen, o que fazia com que se formasse, desde o caos das *percepções sensíveis*
do mundo empírico, a construção de um saber acumulado sobre o passado, era uma *vontade*
do espírito. A história era, pois, para Droysen, esta vontade, ou este querer atribuir sentido
 às coisas, fazendo com que a realidade se constituísse como um mundo moral, ou seja,
 qualificado, dotado de valor e significado.
- 18 Droysen estabelecia, assim, uma construção epistemológica para mostrar como a ciência da
 história era um resultado de percepções sensoriais, orgânicas, sobre o real³. Era esta capacidade
 humana de atribuir sentido às coisas – formando, ao longo do tempo, a *humanitas*, ou a *cultura*
 –o real conteúdo da história.
- 19 Desta forma, as categorias do espaço e do tempo, assim como todas as demais modalidades
 de atribuição de sentido que qualificam o real - como a própria *natureza*, a qual se refere o
espaço, e a *história*, que remete ao *tempo* -, não estão presentes no mundo empírico como um
 dado, mas como produto mental, sob a forma de representações.⁴
- 20 Nesta medida, Droysen falava, explicitamente, em *representações* construídas pelo historiador
 e no emprego de sua *subjetividade* para compor o quadro do passado.
- 21 Da mesma forma, Droysen entendia que, desde o presente, o historiador se deparava com
 as representações daquilo que fora um dia e que faziam com que este passado lhe fosse um
não passado, ou seja, um tempo a ser representado pelo historiador. Assim, Droysen tratava
 também as fontes ou registros do passado, este material imprescindível ao empirismo da
 história, como *representações* construídas em um outro tempo, cabendo ao historiador, por
 seu turno, representar o já representado.
- 22 Considerava Droysen que uma aceção da história enquanto ciência devia passar,
 forçosamente, pela especificidade do seu material empírico, que já chegava ao historiador
 enquanto representação.

Este é o primeiro grande princípio fundamental de nossa ciência; o que ela quer conhecer sobre
 os passados não se há de buscar neles, pois os passados já não existem mais em nenhuma parte,
 senão somente naquilo que resta deles, qualquer que seja sua forma, e só assim é acessível à
 percepção empírica.

Toda nossa ciência se baseia no fato de que nós não construímos os passados a partir dos materiais
 existentes, senão que fundamentamos nossas representações deles, as corrigimos e as ampliamos
 mediante um procedimento metódico que se desenvolve a partir deste primeiro princípio.⁵

- 23 Logo, para Droysen, os historiadores construíam representações sobre o passado, mas a partir
 de fontes e seguindo um método. Este método consistia em *compreender, investigando*⁶, o que
 implicava ter em conta uma rede de correlações: *o singular se compreende na totalidade em*
que emerge, e a totalidade se compreende nesta singularidade, na qual se expressa.⁷(...), o
 que era longínquo no espaço e no tempo podia ser atingido e tornar-se compreensível, pois
 fora expresso pela linguagem e construído como representação.
- 24 Como meta final, o historiador buscava sempre atingir *motivações, sentimentos, razões*,
 singulares ou coletivas, deixados nos traços materiais em acontecimentos únicos e singulares.
 Estes sentidos construídos no tempo do passado poderiam tornar-se inteligíveis para o
 historiador, mas dentro de certos limites, ponderava Droysen.
- 25 A postura de Droysen seria desenvolvida por Wilhelm Dilthey, também hermenêuta,
 historiador e filósofo do culturalismo alemão do século XIX, que acrescentaria às suas
 reflexões o sentido psicológico da análise.
- 26 Para Paul Ricoeur, que no século XX se posicionaria como o maior pensador da hermenêutica,
 Dilthey teria dirigido a reflexão para uma questão crucial: como compreender um texto do
 passado? Ao tratar a inteligibilidade daquilo que teria se passado um dia, Dilthey teria, a seu

ver, não só enfrentado o desafio de pensar a temporalidade do passado como teria sido *o intérprete de um pacto entre a hermenêutica e a história*.⁸

27 Ele apontaria para este princípio instaurador da hermenêutica, que é o de ultrapassar a distância temporal e cultural do passado, compreendendo este *outro no tempo*, verdadeira finalidade da história. Entretanto, se a hermenêutica na sua relação com a história busca interpretar a experiência humana em sua dimensão temporal, tal postura reservaria poucas certezas e muitas dúvidas, neste século XIX tão impregnado pelo cientificismo e o racionalismo.

28 Havendo uma descontinuidade entre o presente e o passado, capturar as unidades de sentido de uma determinada época seria o grande desafio, pois implicaria captar uma *expressão da vida*, esta *enargheia* própria do ser humano, pelo resgate da psicologia de um outro tempo.

29 Retornamos, aqui, aquela idéia levantada por Droysen, da busca do espírito ou do significado construído pelos homens no tempo, ou da procura dos sentidos e das particularidades de cada época, em concepção que passa a ser mais bem formulada por Dilthey.

30 Trabalhar com as expressões – ou mesmo, as impressões ou marcas deixadas pela vida, com o psicologismo de uma época, com as sensibilidades - múltiplas, cambiantes, instáveis, variadas – dos homens de um outro tempo poderia vir a se constituir em um obstáculo, mas também em uma grande atração. A atitude da hermenêutica é justamente esta que, partindo do estranhamento proporcionado pelo passado, parte em busca dos sentidos ocultos no tempo.

31 Nesta medida, Dilthey se encontra com Droysen, quando este diz que é só o olhar do historiador que pode reconhecer nos traços deixados pelo passado, elementos para a sua pesquisa⁹, a ver nos restos *a pegada do espírito e a mão do homem*¹⁰ de um outro tempo e que, *quanto mais preparado é o espírito que pergunta, tanto mais rico é o conteúdo da pergunta*¹¹. Ou seja, Droysen enfatiza o saber prévio e acumulado, a *erudição* de cada historiador, que iluminava seu olhar e potencializava a descoberta dos sentidos do passado.

32 E, neste ponto, as reflexões dos culturalistas alemães parecem encontrar-se com os enunciados de Barthes, por sua vez leitor de Proust, sobre as duas formas de conhecimento do mundo, o *studium* e o *punctum*., O que me toca, o que me fere e me desperta na contemplação do mundo do passado, o que realiza em mim, espectador e leitor, um despertar e uma espécie de revelação benjaminiana, é o encontro de uma bagagem de *studium* com a carga emotiva/evocativa/relacional do *punctum*.

33 Mas, para o historiador, outros problemas ainda se apresentam na sua tarefa, além da incorporação desta atitude hermenêutica. Para que ele construa sua versão sobre o passado, é preciso encontrar a tradução externa das tais sensibilidades geradas a partir da interioridade dos indivíduos. Ou seja, mesmo as sensibilidades mais finas, as emoções e os sentimentos, devem ser expressos e materializados em alguma forma de registro passível de ser resgatado pelo historiador. Coloca-se, pois, aquele requisito básico para a tarefa do fazer história: é necessário que a narrativa se fundamente no que chamam de marcas de historicidade, ou as fontes ou registros de algo que aconteceu um dia e que, organizados e interpretados, darão prova e legitimidade ao discurso historiográfico.

34 Neste sentido, estas fontes/testemunhos do sensível de um outro tempo reforçariam a idéia de que o conhecimento do passado é sempre indireto, tateio de aproximação com uma ausência e uma lacuna que se quer preencher. Mesmo que se admita que a História é uma espécie de ficção, ela é uma ficção controlada, não só pelo método mas sobretudo pelas fontes, que atrelam a criação do historiador aos traços deixados pelo passado, onde os homens sentiam e agiam de forma diferente.

35 Toda a experiência sensível do mundo, partilhada ou não, que exprima uma subjetividade ou uma sensibilidade partilhada, coletiva, deve se oferecer à leitura enquanto fonte, deve se objetivar em um registro que permita a apreensão dos seus significados. O historiador precisa, pois, encontrar a tradução das subjetividades e dos sentimentos em materialidades,

objetividades palpáveis, que operem como a manifestação exterior de uma experiência íntima, individual ou coletiva.

36 Tais marcas de historicidade - imagens, palavras, textos, sons, práticas - seriam o que talvez seja possível nomear como *evidências* do sensível. Mas, para encontrá-las, é preciso uma re-educação do olhar. O *olhar-detetive* do historiador da cultura interpretará tais sinais, estabelecendo nexos e relações para tentar chegar ao tal mundo do passado onde os homens, falavam, amavam e morriam por outras razões e sentimentos.

37 Ora, sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não-real, do sabido e do desconhecido, do intuído, do pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação. Sonhos e medos, por exemplo, são realidades enquanto sentimento, mesmo que suas razões ou motivações, no caso, não tenham consistência real.

38 Traço de união entre o corpo e a alma, a sensibilidade é uma presença enquanto valor, dificilmente será número... Com isto, chegamos à questão proposta inicialmente: é possível mensurá-la? Talvez, a única forma de *medir* sensibilidades se dê por uma avaliação de sua capacidade mobilizadora. Tal como as imagens, como diz Louis Marin¹², as sensibilidades demonstrariam a sua presença ou eficácia pela reação que são capazes de provocar.

39 Desta forma, podemos aproximar as sensibilidades do campo do político, onde podem ser *medidas* ações e reações, mobilizações e tomadas de iniciativa. Da mesma maneira, o estudo das sensibilidades remete ao campo da estética, não somente pelos pressupostos que, de forma canônica, a associam como o belo, mas na concepção que entende a estética como aquilo que provoca emoção, que perturba, que mexe e altera os padrões estabelecidos e as formas de sentir.

40 Recuperar sensibilidades não é sentir da mesma forma, é tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de um outro tempo pelos rastros que deixou. O passado encerra uma experiência singular de percepção e representação do mundo, mas os registros que ficaram, e que é preciso saber ler, nos permitem ir além da lacuna, do vazio, do silêncio.

41 Desta maneira, *quantificar* é um problema que se põe a um campo que pretende orientar-se pelo qualitativo. Talvez mesmo escape realmente ao historiador – e não só o da cultura e do sensível - a medida do mundo, a mensurabilidade da vida e do tempo que já se escoou.

42 O mundo do sensível é difícil de ser quantificado, mas é fundamental que seja buscado e avaliado pela História Cultural. Ele incide justo sobre as formas de valorizar, de classificar o mundo, ou de reagir diante de determinadas situações e personagens sociais. Em suma, as sensibilidades estão presentes na formulação imaginária do mundo que os homens produzem em todos os tempos.

43 Pensar nas sensibilidades é, pois, não apenas mergulhar no estudo do indivíduo e da subjetividade, das trajetórias de vida, enfim. É também lidar com a vida privada e com todas as suas nuances e formas de exteriorizar – ou esconder – os sentimentos.

44 Enfim, se estudar sensibilidades é um desafio, é um ir além, talvez resida nisto o charme que se encontra presente em toda aventura do conhecimento....Porque não aceitar o desafio?

Notas

1 Cf. Ricoeur, Paul, *Temps et récit*, 3 v., Paris, Seuil.

2 Barthes, Roland. *La chambre claire. Note sur la photographie*. Paris, Gallimard, Seuil, 1980.

3 Droysen, Johann Gustav. History and the historical method. IN: *Hermeneutics reader*. Org. Kurt Mueller-Vollmer, New York, Continuum, 1988, p. 119-120.

- 4 Droysen, Johann Gustav. *Historica. Lecciones sobre la Enciclopedia y metodologia de la historia*. Barcelona, Editorial Alfa, 1983, p. 7-21.
- 5 Droysen, op. cit. p. 27.
- 6 Droysen, op. Cit., p. 30.
- 7 Idem, p. 34.
- 8 Ricoeur, Paul. *Du texte à l' action. Essais d' herméneutique, II*. Paris, Seuil, 1986, p. 82.
- 9 Droysen, op. cit. p. 52.
- 10 Idem, p. 54.
- 11 Idem, p. 47.
- 12 Marin, Louis, *Les pouvoirs de l' image*. Paris, Seuil, 1989.
-

Para citar este artículo

Referencia electrónica

Sandra Pesavento, « Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Coloquios, 2004, Puesto en línea el 04 février 2005. URL : <http://nuevomundo.revues.org/index229.html>

Sandra Pesavento

Universidade Federal do Rio Grande do Sul/BR

Licencia

© Tous droits réservés

Licence portant sur le document : © Tous droits réservés

ndlr :

Journée d'étude, « Représentations et sensibilités dans les Amériques et la Caraïbe (XVIe-XXIe Siècles). Mémoires singulières et identités sociales », EHESS, jeudi 4 mars 2004, coord. Frédérique Langue (CNRS) et Sandra Pesavento (UFRGS)